

## Póslit: 40 anos de representação e acolhimento

*Rosilene Silva da Costa*  
lenecostas@hotmail.com

Tomar parte de uma das mesas do evento de comemoração do aniversário de 40 anos do programa de pós-graduação em literatura desta universidade foi uma das agradáveis surpresas que esta instituição me concedeu. Primeiramente, porque me senti lisonjeada e, ao mesmo tempo, agradecida pela indicação da linha de pesquisa Representação na Literatura Contemporânea, de forma que agradeço a todos os docentes por isso. Depois, porque isso me fez refletir sobre a minha trajetória na UnB, que já chega a quatro anos, um décimo do período de existência deste programa.

Nesta reflexão, eu lembrei do dia em que, recém-chegada a Brasília e depois de fazer uma pesquisa mais aprofundada sobre o programa, decidi vir buscar mais informações sobre ele. Naquele dia, fui muito bem recebida pela então secretária da pós, Ana Maria Nascimento, que apresentou o programa, falou das linhas de pesquisa e me encorajou a participar da seleção para o doutorado. Assim, Ana Maria, agradeço, publicamente, por ter aberto as portas e me apresentado esta casa. Sou grata, ainda, aos docentes que têm orientado minha pesquisa, em especial à professora Cíntia Schwantes, que é minha orientadora. E tenho muito a agradecer aos colegas discentes, que têm colaborado para meu crescimento acadêmico e pessoal. Uma pesquisa não se faz apenas com dados e teorias, mas também com afetos e trocas – e, no PósLit, eu construí amizades que ultrapassam os muros da universidade e vão além dos grupos de pesquisa.

Outro motivo pelo qual me sinto honrada em estar aqui, tanto nesta mesa quanto neste evento, é o fato de eu ser uma mulher negra. A importância disto é estatística, considerando que, em 2005, um estudo do Inep apontou que, no Brasil, dos 63 mil docentes do ensino superior, apenas 251 eram mulheres negras, logo evidenciando a exclusão das mulheres negras nos bancos da academia. Felizmente, nos últimos dez anos, muita coisa mudou, mas ainda somos poucas, e minha presença nesta mesa, mesmo enquanto discente, também significa representação, exatamente como propõe a linha de pesquisa da qual faço parte.

Em 2012, o PósLit acolheu minha pesquisa sobre a obra de Luís Cardoso, o primeiro romancista de Timor-Leste, um país localizado no Sudeste Asiático. Eu morei por dois anos em Timor, trabalhando no ensino de língua portuguesa. O país é uma ex-colônia de Portugal e, após a Revolução dos Cravos, não conseguiu de imediato a sua independência, como ocorreu com os países africanos. Timor-Leste foi invadido pela Indonésia e, somente em 1999, depois de 24 anos de luta sangrenta, seu povo conseguiu se tornar uma nação, adotando o português como língua oficial. Poucos timorenses falam a língua portuguesa, mas a maior parte deles se identifica com uma suposta comunidade formada pela CPLP. Minha pesquisa versa exatamente sobre o processo de formação da identidade em comunidades imaginadas e sobre o

pertencimento do povo de Timor-Leste. Para isso, analiso os três primeiros romances de Luís Cardoso. Nestas obras, o autor apresenta a história da pequena ilha do Sudeste Asiático e propõe uma reflexão a respeito da identidade, do pertencimento e da representação deste povo colonizado, invadido e diaspórico.

Os dias atuais têm nos oferecido uma amostra do que vivem os imigrantes fora de seu país, e este tema ocupa grande parte da obra de Luís Cardoso, que nos apresenta a vivência dos timorenses em Portugal. Vivência de indivíduos que não se reconhecem nessa sociedade hospedeira e que, ao invés de serem acolhidos pela mãe-pátria – como preconizava o discurso dos colonizadores –, recebem então o rótulo de estrangeiros. Mas a obra do autor representa também o sujeito que retorna para sua terra após o exílio, que passa a ser um desajustado, excluído em seu próprio local de origem.

Dessa forma, o conceito central de minha tese passa a ser o da identidade, que está ligada à memória e, no caso desse povo, à diáspora. Segundo Stuart Hall (2007), uma das características da diáspora é um forte sentimento de identificação com a cultura de origem, mantida através de costumes, crenças e desejo de retornar à terra natal. O sentimento de identificação perpassa a obra de Luís Cardoso, ora em contato com a cultura portuguesa, ora com a cultura timorense. Há na obra um constante desejo de retorno, embora seja para um lugar que não é exatamente o lugar de onde se partiu, mas, sim, um lugar que foi construído e esteve na memória durante o período de ausência do local de origem.

Naturalmente, a pesquisa está sendo desenvolvida a partir dos pressupostos dos Estudos Culturais, mais propriamente do viés pós-colonial. Adota-se aqui a perspectiva pós-colonial por considerá-la a mais capaz de apontar respostas para a pergunta central que norteia a tese, que versa sobre os processos identitários e de pertencimento de um território que, muito recentemente, recebeu o status de nação independente e soberana. Dessa forma, é necessário pensar a identidade a partir da perspectiva adotada por Homi Bhabha (2007), que sugere ser necessário que essas vivências de “entre-lugares” oportunizem espaço para a elaboração de subjetivação, seja individual ou coletiva.

O conceito de identidade, como o próprio debate que o cerca, é complexo. Partindo-se de uma definição que, em sua origem, tem um uso ontológico, para empregos cada vez mais fluidos – que vão do sociológico ao antropológico, do político ao cultural, do literário ao existencial –, encontram-se problemas referentes a visões essencialistas, bem como a críticas que negam a possibilidade de se conceber a existência de uma identidade fixa. Daí falar-se, cada vez mais, em identidades plurais ou, ainda, em identificações, que teriam o caráter provisório pelo constante devir. Em minha pesquisa, examino como ocorre a formação da identidade nacional em Timor-Leste e quais são as relações políticas e internacionais que concorrem para a formação desta, assim como para o movimento de migração. Desse

modo, faz-se necessário também um estudo um pouco mais detalhado da história do país e de suas relações políticas com os países de língua oficial portuguesa e com os países vizinhos: Indonésia e Austrália. Há um interesse muito grande por parte dos dois últimos países pelo petróleo que abunda em Timor. De forma que, ainda hoje, há tentativas de dominação do pequeno território.

Por essas constantes interferências de outras nações no espaço de Timor-Leste, percebe-se que há uma permanente necessidade de os timorenses reivindicarem sua identidade, pois cotidianamente precisam reafirmar seu lugar no mundo. E, como se lê em Hall: “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (MERCER apud HALL, 2006, p. 9). Em Timor, isso é, em algumas vezes, levado ao extremo, de forma que, no primeiro romance do escritor, que é autobiográfico, ele diz: “Só me foi dito mais tarde que a terra de cada um é o local onde nasceu” (CARDOSO, 1997, p. 59).

Questionar a identidade dessa forma implica a análise de como se constrói o discurso de representação e autorrepresentação do sujeito deslocado. Nesse sentido, merece destaque a personagem principal do primeiro romance do escritor, uma obra autobiográfica que conta a trajetória dele e de sua família durante o período colonial. Assim também, a personagem Lucas, do terceiro romance que, em alguns momentos, permite um entrelaçamento de sua biografia com a biografia do autor, apresentada no primeiro romance. Por sua vez, a personagem Beatriz, protagonista do segundo romance, é analisada considerando-se a questão de gênero e a condição duplamente subalterna do sujeito feminino, conforme propõe Spivak (2010).

A análise da situação identitária e da representação desses sujeitos deslocados que surgem pela pena de Luís Cardoso mostra que um dos legados da pós-modernidade é a impossibilidade de uma identidade una e territorializada, considerando que se vive cada vez mais em comunidades imaginadas. Ou seja, os timorenses imaginam esta grande família formada pela CPLP, em que Portugal é a mãe e o Brasil é o irmão mais velho, devido ao tempo de independência. Assim, em alguns momentos, a língua nos unifica em uma grande família e nos dá um pertencimento que vai além das fronteiras físicas de nossos países. Apesar dessa identificação com a língua portuguesa e mesmo com Portugal, a obra de Luís Cardoso demarca muito bem a posição política do escritor e daqueles que lutaram pela independência: uma posição anticolonial e favorável à autodeterminação do país. Isto é feito a partir da representação destes sujeitos cindidos entre os lugares e entre as posições políticas.

A obra de Luís Cardoso apresenta a fragmentação na formação identitária individual e coletiva do mundo contemporâneo. Essa fragmentação aparece na obra do escritor pela presença de

diferentes línguas sendo faladas num mesmo espaço. Isto é, o autor apresenta uma literatura escrita em língua portuguesa, mas permeada de palavras da língua local, o tétum. Dessa forma, evidencia as fronteiras e comunidades imaginárias em que os povos vivem, construídas em conformidade com suas histórias e especificidades e, principalmente, representa indivíduos rotineiramente silenciados. A própria constituição da obra gera um incômodo no leitor e constitui uma pergunta que esta pesquisa tenta responder: estamos diante de uma trilogia? Os três livros, em alguns momentos, formam uma sequência, mas, ao mesmo tempo, são independentes uns dos outros. Quando lidos juntos, complementam-se ou, no mínimo, mostram como as histórias de diferentes pessoas, em espaços e tempos diversos, podem ser semelhantes.

Salvo engano, minha tese é a segunda no Brasil dedicada completamente à obra de Luís Cardoso e a quarta sobre a literatura timorense. Ainda não temos, em nosso país, nenhuma linha de pesquisa dedicada a esta literatura, no entanto, ela é muito rica e oferece muitas possibilidades de pesquisa. O que se espera de uma tese é que ela seja capaz de apontar uma resposta para determinada questão. Mas, com esse estudo, anseio, principalmente, levantar problemas que possam instigar pesquisadores a pensar o lugar do timorense e, considerando o contexto atual, o lugar do imigrante, a formação identitária e a representação destes nesta imensa comunidade imaginada em que vivemos.

Assim, para encerrar, quero voltar ao ponto inicial desta fala e destacar a importância de um espaço acadêmico acolhedor. Acolhedor no sentido de reconhecer a necessidade de ouvir as diferentes vozes, especialmente daqueles com pouca representatividade na literatura ou nos bancos acadêmicos, como é o caso da literatura timorense e da mulher negra. A presença da diferença e dos diferentes em espaços como o deste programa garante que a academia abra seu campo de visão para problemas latentes, como o representado na literatura de Timor-Leste, que, muitas vezes, são silenciados por uma perspectiva ainda elitista e conservadora de literatura. Por esse acolhimento e por esta oportunidade, digo: Obrigada e parabéns, PósLit!